

Esta edição possui os mesmos textos ficcionais das edições anteriores.

Prêmio Antônio de Alcântara Machado

O feijão e o sonho

© Orígenes Lessa, 1981

Diretoria de conteúdo e inovação pedagógica Mário Ghio Júnior

Diretoria editorial Lidiane Vivaldini Olo

Gerência editorial Paulo Nascimento Verano

Edição Fabiane Zorn e Camila Saraiva

ARTE

Ricardo de Gan Braga (superv.), Soraia Pauli Scarpa (coord.), Thatiana Kalas (assist.)

Projeto gráfico & redesenho do logo Marcelo Martinez | Laboratório Secreto

Capa montagem de Marcelo Martinez | Laboratório Secreto sobre ilustrações de Daisy Startari

Diagramação Balão Editorial

REVISÃO

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Rosângela Muricy (coord.) e Balão Editorial

ICONOGRAFIA

Sílvio Kligin (superv.), Claudia Bertolazzi (pesquisa), Cesar Wolf

e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

Crédito das imagens Biblioteca Municipal Orígenes Lessa e Espaço Cultural Cidade do Livro – Lencóis Paulista/SP (p. 212 e 214)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L632f

52. ed.

Lessa, Orígenes, 1903-1986

O feijão e o sonho / Orígenes Lessa. - 52. ed. - São Paulo : Ática, 2015.

216 p. (Vaga-Lume)

Apêndice

ISBN 978-85-08-17357-0

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Título. II. Série.

15-22283

CDD: 028.5

CDU: 087.5

CL: 739047

CAE: 546941

2019

52ª edição

3ª impressão

Impressão e acabamento:



editora ática

Direitos desta edição cedidos à Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.





O Feijão e o Sonho

ORÍGENES LESSA

Série Vaga-Lume



ea

editora ática

A realidade e os sonhos de cada um

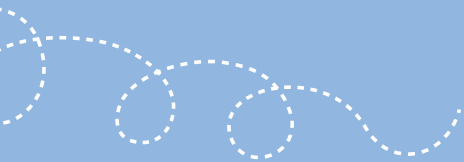
HÁ PESSOAS QUE SÓ CONSEGUEM SE PREOCUPAR com coisas práticas. Mas existem também aqueles que não dão a mínima importância para as exigências do dia a dia. Gente muito sonhadora, de quem se costuma dizer que “vive nas nuvens” ou ainda no “mundo da lua”. Com certeza, você conhece alguém assim, não é mesmo?

Em *O feijão e o sonho*, você vai ver as dificuldades de relacionamento de um casal em que o marido — o poeta Campos Lara — deixa em segundo plano o sustento de sua casa para dedicar-se a seus projetos artísticos. Acompanhando o drama desse sonhador e de sua inconformada esposa, você vai conhecer a distância que muitas vezes separa a vida da arte, além de perceber quanta luta é necessária para as pessoas atingirem seus ideais.

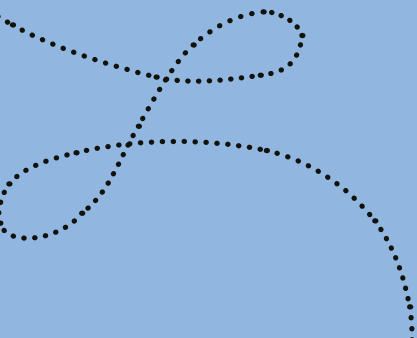


sumário

capítulo 1.	11
capítulo 2.	16
capítulo 3.	20
capítulo 4.	24
capítulo 5.	27
capítulo 6.	34
capítulo 7.	38
capítulo 8.	44
capítulo 9.	51
capítulo 10.	55
capítulo 11.	58
capítulo 12.	62
capítulo 13.	66
capítulo 14.	71
capítulo 15.	76
capítulo 16.	79
capítulo 17.	82
capítulo 18.	88
capítulo 19.	91
capítulo 20.	94
capítulo 21.	100
capítulo 22.	104
capítulo 23.	107
capítulo 24.	111



capítulo 25.	114
capítulo 26.	118
capítulo 27.	123
capítulo 28.	129
capítulo 29.	132
capítulo 30.	137
capítulo 31.	139
capítulo 32.	142
capítulo 33.	145
capítulo 34.	150
capítulo 35.	153
capítulo 36.	156
capítulo 37.	159
capítulo 38.	163
capítulo 39.	167
capítulo 40.	172
capítulo 41.	177
capítulo 42.	180
capítulo 43.	185
capítulo 44.	190
capítulo 45.	194
capítulo 46.	197
capítulo 47.	201



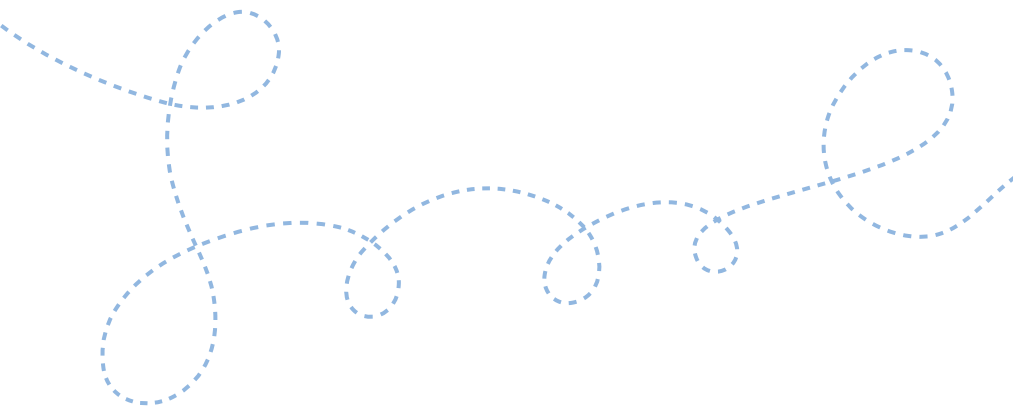
capítulo 48. **203**

capítulo 49. **205**

capítulo 50. **207**

capítulo 51. **210**

Saiba mais sobre Orígenes Lessa **212**



1.

TODOS OS DIAS AQUELA MISÉRIA... Maria Rosa estava de pé às cinco da manhã. Havia que pôr a casa em ordem, arrumar a sala de aulas, preparar o café, lavar os pequenos, vesti-los, passar roupa — “tenho um serviço de negra!”* — e acordar o marido.

Era o mais difícil.

— Por que não deita mais cedo, seu tranca? Fica lendo feito idiota até não sei que horas, ou dando prosa com esses vagabundos, e depois, quando tem que fazer alguma coisa, pega no sono que nem Cristo acorda!

E resmungando e imprecando, vassourão aqui, pano molhado ali — “não mexa aí, menino!” — Maria Rosa continuava a peleja.

— Parece que eu caí da cadeira, no dia em que fiquei noiva desse coisa à toa! Pra ter esta vida! Pra passar vergonha!

.....
* Neste romance, publicado originalmente em 1938, a personagem compara seu trabalho ao de uma escrava. (N.E.)

Arrumou uma toalhinha de crochê no aparador humilde.

— Largue esse copo, Joãozinho! Largue já! Largue, estou dizendo!

E ameaçadora, para o garoto lambudo que sorria feliz:

— Menino! Menino! Ponha já o copo na mesa! Olhe o que estou dizendo!

O pequeno continuava a negacear o corpo, o copo muito sujo, uma das mãos mergulhada na água.

— Não molhe o chão, criatura! A gente vive feito uma burra, tentando limpar a casa, vem um coisinha desses empocalhar tudo! Você apanha, Joãozinho! Traga o copo aqui!

— Eu queria bebê água!

— Não quer beber coisa nenhuma. Você quer é chinelo! Venha cá!

— A sinhoia bate na gente!

— Não bato! Venha aqui direitinho, me entregue o copo, que a mamãe não bate.

— Eu sei que a sinhoia bate!

— Não me enjerize, criatura! Você apanha já!

— Eu não disse? A sinhoia qué é batê na gente...

Maria Rosa avançou para o filho:

— Me entregue o copo, menino! Olhe que você ainda vai quebrar esse copo! É o único que tem na casa! Vamos! Vamos! Não quero brincadeira! Ah! demoninho dos infernos! Me molhando a casa toda! Deixa estar que eu te pego!

— Mamãe, mamãe! Olha a Irene!

Era do quarto vizinho.

— A Irene tá puxando o cabelo da gente!
As duas meninas surgiram à porta.
— Não estou, mamãe, foi ela que começou!
— Não comecei nada, mamãe, foi ela que me xingou de peste!
— Já para o quarto! Todas duas de castigo! Vocês só pres-
tam pra perder a cabeça da gente!
— Mas eu não fiz nada! — gritou Anita.
— Não quero conversa! Já para o quarto! As duas!
Anita não se conformou.
— Ela que provoca e a gente é que vai de castigo!
— Não quero choro! Cale a boca! Senão, além de tudo,
você ainda entra no chinelo!
— Ahn, mamãe... a culpa é dessa cara de rato!
— Rato é você, sua pamonha!
— Pamonha vai ela!
Maria Rosa agarrou as duas pela orelha.
— Quietas! Não atormentem o juízo dos outros!
O choro recomeçou. Ameaças. Gritos.
— Não me amolem a paciência, que eu já ensino vocês.
Olha que eu chamo seu pai!
Ergueu a voz para o quarto grande.
— Juuuca! Juuuca! Venha ver estas crianças!
Voltou-se para as duas:
— Já! De pé, aí no canto!
Foi bater à porta do marido.
— Juca! Seu dorminhoco! Seu preguiçoso! Você não le-

vanta? Venha ao menos dar um jeito nos seus filhos, que eu não posso mais! Venha cuidar das suas obrigações! É quase meio-dia!

E ouvindo o tilintar do copo quebrado:

— Ah! cachorrinho de uma figa! Deus que me perdoe, mas eu não sei por que é que fui botar esses porcarias no mundo!

Agarrou o pequeno pelo braço.

— Pestinha! Eu não tinha dito que você quebrava o copo? Nunca vi menino mais insuportável! Desbriado! Reinador!

Cobriu-o de palmadas.

— E não quero choro, ouviu? Abriu a boca, apanha mais! Olhou a mais velha.

— O que é que você está fazendo aí, feito não sei o quê? Vamos! Vá trabalhar. Vá buscar a vassoura! Passe a vassoura na sala, que eu não sou negra de ninguém, não estou pra trabalhar sozinha!

— Mas eu estou de castigo!

— Ah! é assim, não é? Quer ficar de castigo pra ver se não precisa fazer nada, pois não? Eu já mostro pra que é que foi feito o rabo de tatu!

A menina tratou de raspar-se.

— Eu vou buscar a vassoura, mamãe. Arre! A senhora nem dá tempo da gente pensar...

E solícita:

— Quer que espante os móveis?

— Espanar com o quê? Só se for com o seu nariz! Você não sabe que o Joãozinho jogou ontem o espanador no poço?

E voltando-se para o quarto onde o marido devia roncar:

— Também, esse moleirão do seu pai não presta nem pra tirar um espanador do poço...

— Mas é fundo, mamãe.

— Funda é a pouca-vergonha de vocês todos. Saiu tudo da mesma massa do pai. Cada qual mais sem préstimo!

Arrumou uma cadeira de palha, deu um peteleco no Joãozinho, que enfiara o dedo no nariz, e estourou com a Irene:

— E você, o que é que está fazendo aí, que não vai dar um chacoalhão em seu pai, que já está na hora da aula?

A menina correu para o quarto. Juca surgia à porta nesse momento, o suspensório caído, arrastando o chinelo.

— O que é isso? — perguntou com voz descansada e distante. — Que gritaria é essa? Parece que o mundo vai acabar!

Maria Rosa pôs as mãos nas cadeiras.

— Acaba. Não duvido muito! O que duvido que acabe é a sua pouca-vergonha!



2.

JUCA VOLTOU DO QUINTAL POUCOS MINUTOS DEPOIS, a escova de dentes e o sabonete na mão, o cabelo caindo na testa, procurando a toalha.

— Por que não levou antes? Pelo menos não molhe o chão, criatura! Já não chega a porcariada que as crianças fazem, vem você também! Arre, que inferno, minha Nossa Senhora! A escola já não dá mais nada! Os pais estão tirando os filhos! Que você não sabe ensinar, que você não liga, que a escola é um relaxamento. Só ficam os que não pagam. A gente que viva de brisa! E eu que me arrume, se não quiser que as crianças morram de fome! Só me falta sair por aí pedindo esmola!

O marido não respondeu.

— Não enxugue as mãos aí, homem! Não vê que isso é toalha de mesa?

— Está bem, está bem, Rosinha. Não é preciso também zangar por uma coisa dessas...

Quis ser útil:

— Olha o Joãozinho mexendo no açucareiro.

Maria Rosa voou para o menino.

— Eta criança desesperada!

Deu-lhe dois ou três tapas na mão.

— Largue daí, menino! Parece que tem lombriga! Não há açúcar que chegue! Eu nunca vi! Nem formiga!

E entre nova ameaça ao filho e a entrega da toalha ao marido:

— Nem sei por que milagre o senhor “Dão” conseguiu reparar nos malfeitos do filho! Você vive sempre no mundo da lua!

Sorriu irônica, chanfrando-lhe no rosto o supremo sarcasmo do seu estoque:

— Com certeza não estava precisando de rima, dessa vez...

Gritou para dentro:

— Anita?

— Senhora?

— Traga o café, a tigela e o pão, que seu pai tem que ir dar aula!

— Sim-senhora!

— Traga já, senão os meninos vão embora. Eles já estão cansados.

Levou as mãos à cabeça.

— Ih! Meu Deus! Esqueci de pôr o feijão no fogo.

Correu para a cozinha — “nem palito de fósforo a gente tem nesta casa!” — pegou o caldeirão — “me traga um balde de água, Anita!” — soprou carvão longo tempo, reapareceu na sala de cadeiras de palha, limpando a mão no avental.

— Eta homem descansado, minha Nossa Senhora! Nessa marcha, nós acabamos milionários, é capaz até dó Zé Barriga começar a fiar outra vez...

— Mas, Rosinha — falou o marido —, você precisa ter um gênio mais calmo...

— Eu sei! É só para o que você presta. Gênio mais calmo! Como se eu pudesse viver despreocupada com esta vida. As crianças cobertas de trapos, eu sem vestido pra sair, carne, quando Deus é servido, açougueiro mandando cobrar todo dia, vendeiro dizendo que não fia mais, a vizinhança falando, a vila toda metida na vida da gente, e essa escolinha aí, que você não sabe dar jeito...

— Como não sei, criatura? As crianças estão progredindo... Não viu o Haroldo? Esse menino é um talento... Eu nunca vi uma inteligência tão viva, tão precoce... Esse menino vai longe...

— Só se for sozinho... Com você, eu duvido!

— Mas, Rosinha, você precisa ser mais cordata, ter mais espírito de justiça... Eu faço o que posso...

— Menos acordar na hora, não é? Faz meia hora que as crianças estão esperando que o professor se lembre de deixar a cama... os braços de Morfeu, não é? — como você diz nos seus versos...

— Não diga isso, meu bem — falou o marido afastando a tigela e enxugando os lábios com a costa da mão que era ainda o guardanapo mais barato.

E sorrindo:

— Desafio você a encontrar em qualquer livro escrito por mim referência aos braços de Morfeu...

— De Morfeu, talvez não, mas de quanta vagabunda aparecer...

Juca achou graça:

— Você é impossível, Maria Rosa.

E outra vez serviçal:

— Olhe, o Joãozinho está fazendo pipi embaixo da mesa.

— E por que deixa? A culpa também é sua... Por que não agarra ele pelo braço, não dá uns petelecos, não faz alguma coisa?

O professor obedeceu.

— Joãozinho, venha cá, meu filho. A mamãe já não disse tantas vezes que você não devia fazer pipi no chão? Seja bonzinho, ouviu? Não suje a casa. Olhe que ela tem tanta coisa a fazer, tanto trabalho, e vocês vêm atrapalhar a coitada...

Maria Rosa, que enxugara a tigela e passava o pano pela mesa, tirando os farelos de pão, irrompeu:

— Bonita maneira de educar. Uma criança de três anos entende, mesmo, um sermão desses... Criança entende é puxão de orelha, ouviu? Vá, pelo menos, buscar um pano, enxugue o chão.

— Ora, minha filha, eu não posso... Sei lá onde é que você esconde os panos de limpeza... E depois a classe está esperando...

— Tá bem. Vá, vá... Não amole. É melhor assim.

E enquanto limpava o ladrilho alagado:

— Senão, com esse ar de fora do mundo, ele ainda era capaz de limpar a mijada com a toalha da mesa ou com a colcha do casamento...

3.

– VOCÊ TROUXE A COMPOSIÇÃO, HAROLDO?

— Trouxe, professor.

— Deixe ver.

Juca, aliás José Bentes de Campos Lara, Campos Lara *tout-court*, como era conhecido nos meios literários, tinha especial predileção por aquele garoto vivo, inteligente, de sensibilidade aguda, verdadeira vocação para as letras.

Recebeu a composição. Ia começar a leitura, quando se lembrou.

— Ah! sim, vamos fazer a chamada.

Tocou a procurar a caderneta. Na gaveta não estava. Entre os exercícios da véspera, também não.

— Alguém tirou a caderneta daqui?

Gritou para o interior.

— Maria Rosa, você viu a caderneta?

— Que caderneta? A da venda?

— Não, mulher, a da classe. Desapareceu da minha gaveta.

Maria Rosa apareceu.

— É isso. Como é que a classe há de ir por diante? Nem o livro de chamada você sabe onde está. Olhe ali: não é aquele?

Estava embaixo de um maço de provas, numa carteira desocupada, ao fundo. Entregou a caderneta ao marido, retirando-se.

— Dez horas, e nem a chamada está feita.

Juca arrumou os óculos, grave e professoral.

— Antônio da Silva Leme.

— Presente.

— José Lima.

— Não veio.

— Luís Cardoso.

— Está doente.

— João Gomes.

— Está na fazenda de seu Chico.

— Sebastião Silva.

O garoto quieto.

— Sebastião Silva!

Silêncio.

— Bastião!

— Senhor?

— Você não veio?

— Vim.

— Então por que não responde à chamada?

— Presente!

— Você precisa prestar mais atenção!

— Sim, fessô.